

**Alguns apontamentos sobre o processo de superação da vida cotidiana e a interação entre a arte e o cotidiano em György Lukács**

Eixo temático: 4. Cultura, arte e emancipação

Petrus Alves Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:**

A vinculação entre vida cotidiana e o pensamento cotidiano e as formas superiores de objetivação, os reflexos científicos e estéticos, nos foi apresentada por György Lukács em sua investigação sobre a *estética*. A diferenciação precisa destes reflexos das realidade objetiva, contida na obra lukacsiana, evidencia uma necessidade da superação do cotidiano – tematização, aliás, que destacou a relevância do estudo do pensamento e comportamento cotidiano para a filosofia materialista – sem a qual não se explicitaria, ao menos não sem prejuízos, a interação entre o conhecimento cotidiano e os conhecimentos produzidos pela ciência e a pela arte. Todo conhecimento científico ou artístico tem como ponto de partida a cotidianidade, surge, portanto, para dar respostas às questões levantadas por esta esfera. Todavia, estes conhecimentos produzidos retornam à vida cotidiana tornando-a mais ampla, diversificada, enriquecida, profunda e complexa, elevando-a frequentemente a superiores níveis de desenvolvimento. Sustentamos que, mesmo que o processo de superação da vida cotidiana tenha sido notoriamente analisada por Lukács em seus escritos da estética materialista, encontramos ainda entendimentos destoantes sobre este processo, como os que o tratam como uma separação radical entre a prática cotidiana e a produção científica ou artística. Assim, este trabalho objetiva-se em tecer, muito brevemente, alguns apontamentos acerca do processo de superação dialética da vida cotidiana teorizado pelo filósofo magiar e, especialmente como esta contribuição teórica de Lukács se torna fundamental para o entendimento correto do comportamento e pensamento humano na realidade objetiva.

**Palavras-chave:** György Lukács, Vida Cotidiana, Teoria dos Reflexos, Estética, Emancipação.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF). Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ao financiamento da pesquisa.

**Abstract:**

The link between everyday life and everyday thinking and the higher forms of objectification, the scientific and aesthetic reflexes, was presented to us by György Lukács in his research on aesthetics. The precise differentiation of these reflections of objective reality contained in the Lukacsian work reveals a need to overcome the quotidian - the theme, moreover, that emphasized the relevance of the study of everyday thought and behavior to materialistic philosophy - without which it would not be explicit, less not without prejudice, the interaction between everyday knowledge and knowledge produced by science and art. Every scientific or artistic knowledge has as its starting point the daily life, it arises, therefore, to give answers to the questions raised by this sphere. However, this knowledge produced returns to daily life making it broader, diversified, enriched, deep and complex, often leading to higher levels of development. We argue that even if the process of overcoming everyday life was notoriously analyzed by Lukacs in his writings on materialistic aesthetics, we still find dis- forming understandings about this process, such as those that treat it as a radical separation between everyday practice and scientific production or artistic. Thus, this paper aims at briefly making some notes about the process of dialectical overcoming of everyday life theorized by the Magyar philosopher, and especially how this theoretical contribution of Lukács becomes fundamental for the correct understanding of human behavior and thought in objective reality.

**Keywords:** György Lukács, Everyday Life, Theory of Reflexes, Aesthetics, Emancipation.

## 1. Introdução

Os apontamentos presentes nas páginas seguintes, em geral, fazem parte de alguns anos dedicados à pesquisa sobre o peculiar comportamento e pensamento na vida cotidiana, entendendo a relevância do seu estudo para a compreensão do mundo contemporânea, sob uma perspectiva materialista<sup>2</sup>. Por outro lado, essa pesquisa ainda faz parte de uma incipiente investigação acerca da *Estética*<sup>3</sup> em György Lukács e sua vinculação com a sua *Ontologia do ser social*. A contribuição da ontologia de Lukács tem se mostrado urgentemente pertinente no entendimento das relações na sociedade atual.

Na concepção lukacsiana sobre a vida cotidiana e do pensamento cotidiano aparecem diversas certamente mediações complexas e vastas, mas sempre sob a forma de manifestação da imediaticidade, isto é, sempre na vinculação imediata entre teoria e prática. Veremos, portanto, que paulatinamente na realidade objetiva se desenvolvem processos de objetivação, e estes gozam relativa independência em relação a própria vida cotidiana. Queremos com essa apreensão demonstrar como se estabelece a íntima relação entre os reflexos da realidade objetiva, os reflexos científicos e estéticos, com a cotidianidade, esta última enquanto esfera da realidade insuperável. O processo de superação [*Aufhebung*] da vida cotidiana é, e somente pode ser entendido, dialeticamente (no triplo sentido hegeliano de aniquilar, preservar e levantar-a-um-nível-superior) (LUKÁCS, 1966, p. 79).

A interação constante da ciência e da arte, explicitada por Lukács, nos constata que cada vez mais fornece elementos para o enriquecimento o cotidiano, de maneira tão inequívoca que jamais poderíamos pensar a nossa própria vida cotidiana sem tais objetivações (ciência e arte). Essas objetivações e sua separação das atividade cotidianas encontram origem no processo de humanização do homem, no gradativo nascer do trabalho e da linguagem, isto é, na gênese histórico-social do ser do homem.

---

<sup>2</sup> Quando usamos o ter “materialismo” estamos nos referindo ao materialismo dialético de Marx e Engels, que se contrapõe ao “materialismo mecanicista”, além de que é sabido da existência outros materialismos no pensamento filosófico moderno. Segundo Lukács, foi Lênin o primeiro pensador revolucionário que, após Marx e Engels, deu novo estímulo ao estudo da dialética e do materialismo (LUKÁCS, 1967, p. 219). Para Lênin, o ponto fraco do “materialismo mecanicista” situa-se na inabilidade de utilizar a dialética no processo do conhecimento: “O materialismo mecanicista atribui ao conhecimento a projeção direta de um mundo estático e imóvel, um reflexo bruto, tal como resulta de nossa experiência cotidiana”, embora a experiência cotidiana seja “um fenômeno fundamental [...] o ponto de partida de toda reflexão, porque o único conhecimento que temos do mundo chega-nos por intermédio dos nossos órgãos” (LUKÁCS, 1967, p. 228)

<sup>3</sup> Estamos aqui, portanto, nos limitando ao primeiro capítulo da *Estética* (LUKÁCS, 1966) e, em alguns momentos, apropriando da sua *Introdução a uma estética marxista*, obra que complementa e apresenta diversas categorias do reflexos estético, como a particularidade do fazer da arte (LUKÁCS, 1970). Estamos utilizando a edição castelliana da *Estética*, desse modo, a tradução desta obra é inteiramente de responsabilidade nossa.

Com o intuito de elucidar essas questões, de maneira muito preliminarmente, este trabalho está organizado da seguinte forma: além desta introdução, i) alguns apontamentos sobre a teoria dos reflexos de Lukács e as características gerais da vida cotidiana; ii) alguns apontamentos sobre o processo de superação da vida cotidiana teorizado por Lukács; e, iii) algumas considerações sobre este processo e as possibilidades do desenvolvimento das capacidades humanas, mais especificamente as implicações ao “fazer artístico” no capitalismo. Evidentemente não queremos com esta exposição esgotar os temas, mas nada mais do que introduzir a temática para pesquisas futuras.

## **2. Apontamentos sobre os reflexos da realidade e as características gerais do pensamento cotidiano em Lukács**

O importante filósofo marxista György Lukács concebeu a sua *Estética* como uma introdução à obra que abordaria sua concepção sobre uma ética materialista, a qual nunca se concretizou. Com o desenvolvimento da sua teoria estética, Lukács sentiu a necessidade de vincular o seu pensamento à gênese histórico-social do ser social, o que foi empreendido em sua obra mais madura *Para uma ontologia do ser social* (LUKÁCS, 2012; 2013).

Nela, a partir dos desenvolvimentos de Engels<sup>4</sup> e da Crítica da Economia Política de Marx, Lukács concebe o trabalho (e a linguagem) como a categoria central da constituição do ser social, assinalando a passagem do ser puramente biológico ao ser especificamente social. Assim, todas as complexas e diversas formas deste ser social tem origem objetivamente do ato teleológico do trabalho, “através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade” (LUKÁCS, 2013, p. 46). O nascimento simultâneo e inseparável do trabalho e da linguagem fundamentam, portanto, o desenvolvimento da humanidade, criando uma cissura “tão ampla e profunda que a herança animal, por vezes sem dúvida presente, não tem peso decisivo” (LUKÁCS, 1966, 39), separando a espécie humana da animal, sem extinguir essa herança biológica. Mais do que essa separação, o trabalho se configura, enquanto ato teleológico, o

---

<sup>4</sup> Segundo Lukács, Engels teve o mérito de trazer para o bojo das suas investigações o trabalho, enquanto interação entre homem e natureza e sua função na transformação evolutiva do homem: “O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 2000, p. 215).

produtor de transformações qualitativas objetiva e subjetiva que jamais serão vistas na natureza animal.

Na *Estética*, a empresa de Lukács em descobrir a peculiaridade da arte parte, destarte, desta humanidade já estabelecida. Assim, com as bases biológicas já estabelecidas, as impressões imediatas de “primeira ordem” que os seres humanos (primitivos) tem do mundo externo dão lugar, sem nunca desaparecer, a uma *base social* que se produz, desenvolve e aperfeiçoa, impressões do mundo externo, as de “segunda ordem” (PAVLOV, *apud*, LUKÁCS, 1966, p. 34), bem como as do mundo interno (a consciência humana). Este desenvolvimento e aperfeiçoamento não se restringe a mera interpretação do mundos externo e interno, mas isso se realiza na ação prática dos homens, pois, uma vez suprida as necessidades imediatas, como comer e beber (e muitas outras), essas determinações biológicas vão cedendo lugar a determinações cada vez mais sociais que somente podem existir com a satisfação das primeiras. A ato de comermos com pratos e talheres, por exemplo, é um ato puramente social.

A interação do ser humano com o mundo externo natural previamente dado, nos impõe, portanto, diferentes momentos de reflexão acerca deste mundo, bem como novas e diferentes necessidades socais. Isto é, a existência humana – que se concretiza numa dada realidade objetiva – desenvolve formas de reflexão no pensamento sobre este mundo que existe objetivamente; e isso se estende certamente com reflexão do mundo interno do homem, exigindo, desse modo, uma crescente complexificação da compreensão sobre a natureza e a humanidade (LUKÁCS, 2013).

Analisando os problemas do reflexo cotidiano, Lukács nos fornece que esta interação do ser humano com essa realidade objetiva se divide em determinados reflexos dessas *mesma realidade objetiva*; o que explicita a unidade material do mundo, uma *totalidade concreta*<sup>5</sup>. Assim, essa divisão se verifica na tripartição, a saber: os reflexos científicos, reflexos estéticos e “o fecundo ponto médio entre esses dois polos é o reflexo da realidade própria da vida cotidiana”. A exposição de Lukács, daquilo que podemos chamar da sua teoria dos reflexos, está diretamente relacionada a uma teoria materialista do conhecimento<sup>6</sup>, pois ao longo do desenvolvimento da história humana, essas diferentes

---

<sup>5</sup> “A categoria de totalidade significa, portanto, de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligadas entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas” (LUKÁCS, 1967, p. 240).

<sup>6</sup> A teoria dos reflexos de Lukács parte da epistemologia materialista proposta por Lênin (1946). Adentrar neste tema se torna impossível no presente trabalho, contudo, devemos advertir que, como fez Lukács e Lênin, este

formas reflexão surgem, se refinam e se diferenciam entre si. Desse modo, a peculiaridade destes reflexos “se constitui precisamente na direção que existe o cumprimento, cada vez mais preciso e completo, de sua função social” (LUKÁCS, 1966, p. 34).

Neste sentido, os reflexos científicos e estéticos da realidade, ao longo da evolução histórica e cada vez mais, denotam sua pureza em relação à vida cotidiana, esfera em que se articulam muitas “formas mistas” de pensamento, ao mesmo tempo em que estas três esferas se “borram” frequentemente, por isso não se estabelece uma fronteira rígida e intransponível entre o cotidiano e o não cotidiano. Mais precisamente a ciência e a arte nascem das necessidades da própria vida cotidiana, para dar respostas aos problemas levantados cotidianidade, voltando a mesclar os muitos e complexos resultados de ambas com as diversas as formas de manifestação da vida cotidiana. Estes resultados, ao retornarem à vida cotidiana, a eleva tornando-a mais ampla e diferenciada, enriquecida e complexa (LUKÁCS, 1966, p. 35).

No processo de diferenciação dos reflexos, com o seu desenrolar secular, essas objetivações passam a gozar de uma autonomia em relação as variadas formas do pensamento cotidiano, contendo determinações universais e particulares. A vida cotidiana, por sua vez, não conhece objetivações tão bem delineadas como na ciência e na arte, dessa maneira, essa diferenciação se faz necessária e possível. Contudo, é preciso dizer que a vida cotidiana não carece de objetivações, pelo menos não totalmente como se possa imaginar. Essa questão mereceria, sem dúvidas, um estudo sobre as objetivações, aprofundado, em Lukács, o que se faz impossível neste trabalho. Devemos apenas indicar que o caráter de objetivação das atividades humanas refere ao elevado grau de reflexão e transformação da realidade objetiva, como na ciência, ou seja, o que é “decisivo é o grau de abstração, o afastamento da prática imediata da vida cotidiana” (LUKÁCS, 1966, p. 42), bem como como no trabalho criador.

Neste ato singular do trabalho, o homem opera uma síntese entre a ideação prévia<sup>7</sup> e uma causalidade dada, produzindo valores de uso necessários sua existência humana. Com

---

reflexo não é um reflexo mecânico, muito menos uma fotocópia da realidade objetiva. Para melhor compreensão ver Lukács (1967), explicitamente o capítulo IV desta obra, intitulado “A teoria leninista do conhecimento os problemas da filosofia moderna”.

<sup>7</sup> “Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente” (MARX, 2010, p. 327).

esta primeira objetivação, o trabalho, os homens criam novos objetos não existentes na natureza, ao mesmo tempo em que se reconhecem enquanto sujeito diferente deste novo objeto criado (LUKÁCS, 2013). Na produção, portanto, um objeto natural deve ser trabalhado de maneira adequada, isto é, deve-se avaliar positiva ou negativamente a forma como foi produzido e o resultado obtido neste trabalho. Assim, se produz não somente um novo objeto, mas também um conhecimento sobre a produção deste objeto que deverá servir, caso avaliado positivamente, na orientação para a práxis humana, conduzindo a prática cotidiana.

Embora carecendo das devidas mediações, podemos afirmar que cada vez mais o trabalho, como constituinte da realidade cotidiana, se aproxima da objetivação científica, sobretudo nos processos de trabalho no capitalismo<sup>8</sup>. A sociedade capitalista, como tratou Marx, é a sociedade mais desenvolvida neste aspecto, todavia, não sem desigualdade e contradições, as quais exploraremos em outra oportunidade.

A interação entre vida cotidiana e ciência vai ficando cada vez mais explícita, pois já no ato do trabalho criador, isto é, o trabalho especificamente humano, abriu-se a possibilidade dos seres humanos controlarem os processos naturais a partir desta avaliação adequada, do processo de trabalho, aquilo que funciona ou não, sob pena de ruína.

Como a acumulação das experiências cotidianas, o costume, o exercício, etc., fazem que se repitam e se desenvolvem determinados movimentos em cada processo de trabalho, assim como sua seriação quantitativa e qualitativa, sua interpenetração, seu complementar-se e reforçar-se, etc., o processo mesmo cobra necessariamente para o homem que o realiza o caráter de uma objetivação. Mas de uma natureza muito diferente das da ciência e da arte, com a característica de ser muito mais mutável e fluída. Assim, o processo concreto de trabalho atua sobre o velho e aumenta a atuação da ciência neste processo afastando-o das tradições. (LUKÁCS, 1966, 41-42)

A cotidianidade, portanto, apresenta um “baixo nível das objetivações na decisão do homem a ação”, sua característica mutável e fluída “que tem neste campo muitas formações em si mesmas consideravelmente objetivadas” (LUKÁCS, 1966, p. 44), e, por fim, a importante função dos costume, da tradição e da rotina na orientação das decisões. Vemos que na vida subjetiva da cotidianidade uma *oscilação* entre a rigidez conservadora da rotina e a mudança repentina, “entre decisões fundadas em motivos de natureza instantânea e fugaz e decisões baseadas em fundamentos rígidos, ainda que poucas vezes fixados intelectualmente (tradição, costumes)” (LUKÁCS, 1966, p. 44).

---

<sup>8</sup> O advento da ciência na produção especificamente capitalista foi evidenciado por Marx n’O Capital, sobretudo na Seção IV (MARX, 2010).

É fundamental e inevitável a característica do comportamento e pensamento cotidiano a sua vinculação imediata entre a teoria e a prática. Como expressão dessa imediatez se opera um “materialismo espontâneo”, que parte da consciência humana ao tratar o processo de trabalho com espontaneidade, isto é, a relação dos homens com os objetos de trabalho de é tradada de maneira espontaneamente materialista – os objetos tem existência real independentemente da consciência humana. As implicações deste materialismo espontâneo ao idealismo e o surgimento do materialismo dialético, fogem das capacidades deste trabalho, mas é necessário demonstrar a força deste materialismo espontâneo, como ressalta Lukács, neste exemplo: “Nem o mais fantástico berkeleyano, quando atravessa a rua deixa de evitar um automóvel ou não espera que este passe”. E com completa ironia: A sensação de estar diante de sua mera representação e não com a realidade independente de sua consciência desaparece sem deixar rastro na vida cotidiana do homem imediatamente ativo” LUKÁCS, 1966, p. 49).

Portanto, não há como evitar que esta espontaneidade opere na vida cotidiana e no pensamento cotidiano. Cabe a nós apenas demonstrar a debilidade deste materialismo para o entendimento do mundo, pois esta forma de espontânea do materialismo convive sem impedimentos com as representações idealistas como a religião e a superstição (LUKÁCS, 1966). Em outras palavras: o materialismo espontâneo não vai além da imediatez da vida cotidiana e sua coexistência com estas “alienações ingênuas”, as quais são espontâneas e na maioria das vezes de caráter inconsciente, originárias de baixo nível de desenvolvimento social, são confirmadas pelas relações imediatas.

Seria falso, entretanto, supor que os objetos da interação na prática cotidiana por si só possuem o caráter objetivamente imediato. É verdadeiro dizer que esta atividade tem uma rede complicada de mediações que atuam cada vez mais como um “sistema ramificado” no curso do desenvolvimento social. Contudo, “na medida em que se trata de objetos da vida cotidiana, se encontram sempre dispostos no ser na imediatez, o sistema de mediações que os produz parece completamente esgotado e desaparece no desnudo ser” (LUKÁCS, 1966, p. 45-46). Esse sistema de mediações, portanto, desaparece na vida cotidiana, as complicadas mediações, ao entrarem no jogo da cotidianidade, se dissolve em sua imediatez.

A unidade imediata entre a reflexão de objetos (teoria) e a prática impõe aos seres humanos uma ação claramente limitada. Cabe a ciência e a arte descobrir e reintroduzir as mediações nesta esfera. Mas, novamente, uma vez estabelecida e introduzidas estas mediações nos uso geral da cotidianidade, perdem seu caráter de mediação. Mais uma vez



podemos vislumbrar a íntima relação entre a ciência e a vida cotidiana, já que, nesta interação “os problemas que abordam a ciência nascem direta ou mediata da vida cotidiana, e esta se enriquece constantemente com a aplicação dos resultados e os métodos elaborados pela ciência” (LUKÁCS, 1966, p. 46), caindo no uso geral da cotidianidade.

Como já aludimos, existem grandes diferenças qualitativas entre os reflexos da realidade, contudo, essas diferenças não são de caráter rígido ou insuperável, mas estabelecem uma dualidade. A diferenciação, portanto, é um produto do desenvolvimento social da humanidade, sem a qual o frequente desenvolvimento da vida cotidiana seria cerceado. A este respeito nos fornece Lukács:

A diferenciação e, com ela, a independência – relativa – dos métodos científicos em relação às necessidades imediatas da cotidianidade, sua ruptura com os hábitos mentais, se produz precisamente para melhor servir a ditas necessidades, com mais eficácia do que seria possível mediante uma direta unidade metódica. A diferença entre a arte e a cotidianidade, sua interação, análoga a estrutura geral, está também a serviço dessas necessidades sociais. (LUKÁCS, 1966, p. 46)

Nesta interação, o reflexo científico, por exemplo, promove o afastamento das formas de pensamento da cotidianidade e uma elevação deste com a necessária retorno da produção científica ao pensamento cotidiano. Tal interação é indispensável para o desenvolvimento da cultura da cotidianidade para formas superiores, de um lado; por outro, a atividade prática desenvolvida no cotidiano volta introduzir os descobrimentos da ciência na elaboração do reflexo cotidiano, sobretudo por meio das analogias. Conforme nos esclarece Lukács, esta “polarização da vida cotidiana, de seu pensamento, nas duas esferas objetivadoras e menos imediatas da arte e a ciência é um processo tão simultâneo como as interações que acabamos de descrever” (LUKÁCS, 1966, p. 47).

Como já mencionamos também, os reflexos da realidade, a ciência a arte e a própria vida cotidiana, refletem a mesma realidade objetiva. No reflexo estético, por exemplo, todo artista coloca em movimento seus órgãos receptivos e sentidos, que elevam a um superior desenvolvimento que supera a imediaticidade da vida cotidiana. As categorias singularidade, particularidade e universalidade que compõe a realidade, estabelecem inter-relacionam e convertem-se uma na outra.

Segundo Lukács, a particularidade, assume a posição de destaque no reflexo estético por superar a singularidade e a universalidade. “A particularidade é fixada de tal modo que não mais pode ser superada: sobre ela se funda o mundo formal das obras de arte” (LUKÁCS, 1970, p. 149). Mas esta superação, também dialética, não consiste no desaparecimento dos outros dois polos. A singularidade e a universalidade são conservadas

ao serem superadas na particularidade. Esta superação no particular, para Lukács, é o que faz considerar algo artisticamente próprio. Mas tal superação variará muito, de acordo com a individualidade de cada artista, o que pode significar uma vazia subjetividade baseada na “pura” experiência pessoal, que acarreta prejuízos à criação (LUKÁCS, 1970).

A peculiaridade do reflexo estético e sua diferenciação acerca do reflexo científico, situa-se nestas duas categorias que estão nos extremos (singularidade e universalidade) “são pontos cada vez mais impulsionados para o exterior, mas que num dado momento são apesar de tudo pontos”, na medida em que “o particular como termo médio é antes um traço intermediário, uma extensão, um campo” e é justamente neste campo, o campo da particularidade, antes intermediário (de modo geral nos reflexos teóricos) que “se fixa como ponto central dos movimentos” (LUKÁCS, 1970, p.154).

Em todo reflexo científico a particularidade assume a função de intermédio e tende a ser guiada à universalidade, já no reflexo estético é a dimensão particular que fundamenta a produção artística. A concepção lukacsiana destina à particularidade o ponto central organizador da produção artística, desvendando as especificidades deste reflexo da realidade. Os reflexos estéticos, portanto, nos apresenta legalidades próprias, especificidades que se desenvolvem historicamente e devem ser compreendidas como determinações aplicáveis a todo gênero artístico, retirando o caráter individualista que pode ser inferida na obra de arte.

A característica mais geral da forma artística “é sempre a forma de um determinado conteúdo” (LUKÁCS, 1970, p.169), “ela é uma forma específica e peculiar daquela determinada matéria que constitui o conteúdo de uma dada obra” (LUKÁCS, 1970, p.170). Forma e essência se convertem uma na outra, não sendo a forma determinada absolutamente pelo conteúdo, nem o contrário, mas a interação destes elementos como uma unidade, ora, de maneira dialética. A essência da arte exige que sua concreticidade ultrapasse, portanto, a subjetividade particular imediata.

Temos a “renúncia” da imediatividade da vida cotidiana sem a destruir, pois o reflexo estético cria uma nova imediatividade mais elevada, desta forma, a obra torna-se um “mundo próprio”, não apenas aquele que frui, mas também para quem a realiza. Neste processo o criador produz uma obra de arte e “ela o ajuda a elevar-se a uma altitude de subjetividade estético-social, à altitude desta particularidade, única a permitir sua realização artística” (LUKÁCS, 1970, p. 188), e aqui nos encontramos o momento de suspensão da vida cotidiana.

Até o momento tivemos a preocupação de levantar as principais características destes reflexos, a fim de não apenas compreendê-los, ainda que numa primeira aproximação, mas de traçar o essencial da elaboração materialista da concepção da ciência, da arte e da vida cotidiana. Sob uma “base” material, por conseguinte, a arte tem suas condições objetivas de reproduzir-se, sua existência encontra-se determinada na maioria dos casos, sobretudo na era moderna, pela forma econômico-social e da divisão social do trabalho em que está inserido o artista. Então, sobre essa determinação social, histórica e material partem a produção artística, e esta base independe da existência de cada artista, isto é, está sob as circunstâncias que se desenvolveram ao longo do processo histórico da vida humana; entre tribos, comunidade, aldeias, feudos, cidades etc. Estas diversas formas artísticas superaram a vida cotidiana e apreenderam a realidade objetiva, plasmando em um material uma forma repleta de conteúdo mais humano.

### **3. Apontamentos sobre processo de superação da vida cotidiana**

A esta altura já podemos explicitar o processo de superação da vida cotidiana. Mas antes disso, devemos dizer que com o desenvolvimento da sociedade capitalista abre-se diversas possibilidades aos indivíduos em organizarem suas atividades práticas no cotidiano, tanto de maneira mais autônoma quanto de maneira a reduzir o tempo gasto nestas atividades, proporcionado seja pela a redução da jornada de trabalho, conquistada historicamente pela da luta dos trabalhadores, seja pelo próprio domínio das forças da natureza e da capacidade de produzir mais meios de subsistência na mesma quantidade de tempo. Contudo, o desenvolvimento social, desigual e contraditório, ao mesmo tempo em que impulsiona o afastamento da barreiras naturais se esbarra em limites objetivos e subjetivos ao desenvolvimento das capacidades humanas. Assim, o mesmo desenvolvimento que permitiu o aumento dessas capacidades se tornou um empecilho a elas, como no estranhamento em suas diversas manifestações: política, econômica, religiosa etc. (LUKÁCS, 2013).

Como vimos, há objetivações superiores elas quais os sujeitos efetivam e elevam-se, conscientemente acima da cotidianidade, como no caso da ciência. Por meio dessa superação dialética do cotidiano, os indivíduo também superam sua particularidade, aproximando-se

do gênero-humano. Já deve ter ficado claro que essas atividades não se separam do cotidiano com rigidez<sup>9</sup>. Talvez seja necessário tecer alguns apontamentos sobre este processo do ponto de vista individual, sem perder de vista que a interação do cotidiano com as formas de conhecimentos mais duradouras se realiza não somente de maneira individual, mas coletivamente; enriquecendo, ampliando e elevando frequentemente a vida cotidiana, mas nada impede de fazermos um exercício ilustrativo partindo do ponto de vista individual com o único intuito elucidarmos algumas questões.

Para um em exercício de esclarecimento: pensemos na vida cotidiana como sendo formada por alguns líquidos que tenham densidades maiores e menores. Em um bēquer estão derramados os líquidos formando três camadas. Na primeira camada está um líquido transparente e denso. Acima deste, há outro líquido, menos denso e menos transparente. Este dois primeiros são apenas parcialmente solúveis (miscíveis), isto é, não se misturando em todas as proporções. O segundo líquido está em proporção menor em relação ao outro, portanto, a solução está saturada do primeiro. Imaginemos agora um terceiro líquido, bem menos denso que os dois anteriores, obviamente acima deles. E este é imiscível, não se mistura com nenhum dos outros. Os dois primeiros líquidos miscíveis são a vida cotidiana e sua dimensão claramente dupla: o que está em maior proporção representa a prática imediata no cotidiano, e aquele que está em menor proporção representa a esfera das objetivações mais ou menos elevadas, como a política, a religião, por exemplo<sup>10</sup>. O terceiro líquido representa, em nosso esquema didático as objetivações que capazes da superação da vida cotidiana. Imaginemos ainda que um indivíduo esteja *in immersione*, vivendo dentro deste bēquer, transitando entre os dois primeiro líquidos, realizando tanto as muitas atividades mistas e reconhecidamente heterogêneas e imediatas quanto as formas de transição, contudo, nunca em proporções iguais. Para atingir o terceiro líquido e “suspender-se” da cotidianidade, o ser humano imergido nestes líquidos necessita, através das objetivações puras, elevando-se sem que jamais seja possível sair dos dois primeiros líquidos por completo.

---

<sup>9</sup> Basta lembrarmos do exemplo dado por Lukács de que o próprio cientista que vive sua cotidianidade e se mantém em suspensão enquanto realiza uma produção genuinamente científica (LUKÁCS, 1966).

<sup>10</sup> Lukács trata destas objetivações como “formas de transição”, a este respeito nos fornece: Como é natural, não estamos analisando aqui mais que os dois polos, sem ter em conta as numerosas formas de transição que produz a causa das interações já mencionadas e que mais tarde teremos que estudar cuidadosamente. Se se considera a totalidade das atividades humanas – todas as objetivações, não somente a ciência e a arte, mas as instituições sociais, entendidas como depósito daquelas atividades –, essas transições se apresenta redondamente LUKÁCS, 1966, p. 43-44).

Por este exemplo ilustrativo, pretendemos dizer unicamente que a vida cotidiana é certamente imediata, mas não impede que – considerando a divisão social do trabalho – os reflexos científicos e estéticos se realizem. A partir das atividades artísticas, científicas e criadoras do trabalho, ao invés de direcionarmos toda a nossa atenção às diversas atividades imediatas do cotidiano e em variados graus de intensidade<sup>11</sup>, na expressão de Lukács (1966, p. 74), do “homem inteiro” [*ganzeMensch*], submerso no cotidiano; no processo de superação direcionamos toda a atenção e capacidade em uma exclusiva objetivação, “suspendendo” qualquer outra atividade prática, realizando uma única atividade com toda a intensidade, transformando-nos, desta forma, em um “homem inteiramente” [*Menschenganz*].

Um escritor que, por exemplo, se dedica a um romance, destina toda a sua atenção e criatividade para realizar tal tarefa. Em um dado momento, nosso escritor não está preocupado com suas trivialidades e atividades tacanhas. Ele se “desprende” momentaneamente da cotidianidade e eleva-se num estado de *reflexão*, e mais tarde retorna a sua cotidianidade, mas este retorna modificado devido a já mencionada interação entre a produção estética. No curso da fruição artística, por exemplo, o homem receptor, mesmo inconscientemente, retorna da consumação da arte de maneira enriquecida.

A “saída” da cotidianidade não consiste em algo puramente subjetivo, psicológico, pelo contrário, consiste unicamente em um processo de reprodução dessas objetivações – segundo a objetivação e segundo a medida da generalização – realmente um processo que tem seu ponto de partida na vida cotidiana, mediante o qual o homem retorna de maneira diferenciada, pela interação desses conhecimentos<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> É necessário fazer menção ao texto que muitas vezes serve, acertadamente, de introdução ao tema do cotidiano, a saber, o texto de J. P. Netto, “Para uma crítica da vida cotidiana” (NETTO, 1989).

<sup>12</sup> Parece-nos o bastante para dizer equivocadamente que o sujeito ao produzir ou fruir de um trabalho artístico alcançará tal processo. No entanto, deve-se registrar que, como advertiu Agnes Heller (1985), pouquíssimos indivíduos conseguem suspender-se a tal ponto, muitos morrem sem nunca conseguirem participar deste processo, justamente pela estrutura heterogênea da vida cotidiana, pelo esvaziamento de conteúdo e sentido que a sociedade capitalista dá ao cotidiano. Somente pela sua vida cotidiana não lhe seria possível explicar os motivos das dificuldades de desprender-se desta cotidianidade. Para tal, um entendimento da particularidade capitalista torna-se essencial. É supérfluo dizer que o processo de consolidação do capitalismo, fez com que a grande maioria dos homens (enquanto proprietários da sua força de trabalho) tenha no trabalho assalariado sua única fonte de subsistência. Isto quer dizer que um trabalhador, em sua atividade diária de dez horas, por exemplo, durante sete dias por semana, necessita dormir oito horas todos os dias, restando-lhe apenas seis horas livres para dividir entre as atividades cotidianas, o lazer etc., e as objetivações que superam a vida cotidiana.

#### 4. Considerações finais acerca deste processo

Marx e Engels, o acerto de contas com o idealismo alemão, demonstraram que para que se faça história e faz necessária a satisfação das necessidades vitais dos homens, as quais permitem a reprodução física e psíquica de todo ser humano.

“O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história” (MARX; ENGELS, 1986, p. 39).

Analogamente podemos dizer que o pressuposto para “fazer história” é o mesmo para fazer ciência ou arte, pois, muito obviamente, todo artista necessita antes de tudo satisfazer suas necessidades vitais, manter-se vivo. Contudo, apenas a existência humana não é capaz de produzir um cientista ou um artista. Para isso, como vimos com Lukács, é preciso um longo desenvolvimento social para o surgimento destas objetivações e desenvolvimento dos sentidos humanos para que, e somente a partir desse momento, se possa apreender a realidade objetiva e superar a forma imediata da vida cotidiana.

Somente a educação dos sentidos humanos, por exemplo, o aguçar do paladar, permite o desenvolvimento da culinária, que vai além da satisfação imediata da fome, ou da habilidade manual da produção de uma obra de arte. Os sentidos tiveram, a partir do surgimento do ser social, também uma diferenciação que os tornaram: *sentidos humanos* e, ao mesmo tempo *humanos sensivelmente*. Diz Marx: “O olho se tornou olho *humano*, da mesma forma como o seu *objeto* se tornou objeto social, *humano*, proveniente do homem para o homem” (MARX, 2008, 109). Portanto, é o desenvolvimento histórico do ser social, no trabalho, que permite o surgimento de objetivações muito mais complexas do que aquelas meramente biológicas.

Desta forma, a sensibilidade para a música como fruição artística só se torna possível através da própria música. A musicalidade do homem desenvolve-se conforme surge esta objetivação, sem ela o ouvido musical é apenas um “sentido animal”.

O desenvolvimento social torna os sentidos em sentidos *humanamente enriquecidos*: “um ouvido musical, um olho sensível à beleza das formas”, os quais proporcionam aos indivíduos da cotidianidade a “suspensão”, a sua consumação final.

Fica-nos claro que analisar os reflexos sob qualquer perspectiva fora da história configura-se em um erro brutal. A arte não está deslocada da historicidade concreta, o que

nos permite dizer que a divisão do trabalho faz parte dos determinantes da produção artística, bem como o desenvolvimento das técnicas de produção.

Da divisão do trabalho, extrai-se a possibilidade dos indivíduos dedicarem-se exclusivamente às objetivações puras. No capitalismo, embora engendre as condições mais avançadas de produção material à reprodução da vida humana, compreende uma tendência inversa: implica limitações muito mais perversas ao desenvolvimento das artes do que em épocas precedentes e as classes dominantes no capitalismo têm, além dos meios de produção, o monopólio das artes (fruição e produção), pois “o processo de produção capitalista não é só uma produção de mercadorias. É um processo que absorve trabalho não pago e transforma aos meios de produção em meios de absorção do trabalho não pago” (MARX; ENGELS, 1971, p. 75).

## 5. Referências Bibliográficas

ENGELS, F. **A dialética da Natureza**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

LENIN, V.I. **Materialismo e Empiriocriticismo**: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária. Editorial Calvino Ltda, Rio, 1946.

LUKÁCS, G. **Estética**. Volume I. Barcelona / México: Grijalbo, 1966.

\_\_\_\_\_. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo: Senzala, 1967.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a particularidade como categoria estética. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

\_\_\_\_\_. **Para uma Ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Para uma Ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

Marx, K. **O Capital**: crítica da Economia Política. Livro Primeiro. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

NETTO, J.P. **Para a crítica da vida cotidiana**. In: NETTO, J.P.; FALCÃO, M. C. Cotidiano: conhecimento e crítica. 2. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.